

## **Alegrete: de Ararenguá ao Povoado dos Aparecidos.**

*Por Anderson Romário Pereira Corrêa.*

*A primeira versão deste texto foi publicada no  
Jornal Diário de Alegrete; Ano VIII; nº 1444;  
20 de julho de 2005; p.05.*

O processo de formação do povoado que vai dar origem à Alegrete, levando em consideração a localização da sede, pode ser dividido em duas fases. A primeira fase é a do povoado do Inhanduí, e a segunda e definitiva fase, à margem do Ibirapuitã. Esta primeira fase esta inserida nos conflitos de invasão do império luso-brasileiro ao território do futuro Uruguai. Os luso-brasileiros invadem o território Uruguai com o Exército Pacificador em 1811-1812, e depois em 1816 – 1820, contra Artigas, quando foi incorporado ao Brasil a Banda Oriental.

Onde surgiu o povoado do Inhanduí (rio das emas), possivelmente havia sido posto das estâncias guaranis e missioneiras. Temos a informação de ter sido um posto militar no referido local. O historiador Tau Golin quando escreve sobre os pactos que os luso-brasileiros sempre buscavam com os autóctones quando tinham algum conflito contra os platinos, faz referência à um tratado entre os representantes dos interesses de Portugal e alguns caciques: “ (...) em 18 de julho de 1806, o tratado foi assinado na guarda do Nhanduí. O toldo liderado pelo cacique Gaspar estava na localidade de Vararaucaiy, ao sul do rio Ibicuy, possuía cinqüenta guerreiros e compunha-se de 150 charruas.” A historiadora Maria Ignácia, transcreveu em sua obra, uma carta do comandante Joaquim Xavier Curado, ao “Ilustríssimo sargento-mor Alexandre de Souza Fontoura, comandante do posto de Inhanduí”, datada de 23 de setembro de 1810.

A pesquisadora, em outro trecho, faz referência à povoado, através de um ofício de José de Abreu a Curado, resgatado pela mesma, datado de 20.11.1810, que entre outras informações diz: “recebi a noticia da chegada de 300 homens ao povo de Inhanduí, (...)”. Ainda de acordo com Maria Ignácia: “Devido ao grande número de moradores que o governador encontrou nas redondezas da guarda do Inhanduí, acrescido das novas famílias, que vieram com sua força militar, bem como artesãos, tropeiros, mascates, comerciantes e índios missioneiros que se transladaram com suas mulheres e filhos para este ponto do nosso município, e mais um contingente de soldados para reforçar esta importante guarda determinou Dom Diogo de Souza que o local recebesse o nome de povoado do Inhanduí,

sendo que ficou a cargo de José de Abreu o assentamento dos novos sesmeiros e a proteção do povoado que se expandia.”

O historiador Miguel Jacques Trindade nos diz que por volta de 1811, no Inhanduí foi levantado um povoado também denominado Ararengué, que evolui para Povoado dos Aparecidos. De acordo com o professor Danilo Assumpção Santos: “No mesmo local em 1814, é erguida uma capela que teria a invocação de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, sob a responsabilidade dos padres José Paim Coelho de Souza e Joaquim de Sá Soto Maior.” Miguel J. Trindade, também informa: “Em 1816, os moradores do Povoado dos Aparecidos, sabendo da aproximação das forças de Artigas, abandonaram as habitações procurando refúgio no acampamento militar mais próximo (...)”. Este acampamento era à margem esquerda do rio Ibirapuitã.

Luiz Araújo Filho, ao escrever sobre os acontecimentos da “Capela Queimada” destaca o discurso de um índio insurgente do exército libertador de Artigas, chamado Curaetê, que fazia a seguinte proclamação aos povos indígenas: “Coloquei meu exército em frente ao do português, sem receio algum, fundado, em primeiro lugar, em que Deus favorecerá os meus são pensamentos, e nas brilhantes armas auxiliadoras e libertadoras, só com o fim de deixar aos povos em pleno gozo de seus direitos, isto é, para que cada povo se governe por si, sem que nenhum outro, espanhol, português, ou qualquer de outra província, se atreva a governar. Eu venho amparar-vos, venho procurar-vos, porque sois meus semelhantes irmãos; venho romper as cadeias da tirania portuguesa; (...)”

Para concluir, uso as palavras da pesquisadora Maria Ignácia: “(...) De um lado, Dom Diogo de Souza (Governador da Capitania) defendendo a política antiquada de Dom João e os lucros ávidos dos charqueadores, e de outro lado, Artigas, que lutava pela plena independência política do Uruguai com justiça social e assentamento imediato dos milhares de camponeses e da índia que o acompanhava.” Ela também nos diz que vários moradores do território do atual Alegrete aderiram à causa de Artigas, e outros historiadores inclusive, lançam suspeitas sobre os autores e motivos da queima da primeira Capela. Sabe-se que a maioria dos habitantes do povoado eram indígenas, e que segundo estes pesquisadores, poderiam estar insurgentes.

---

**Bibliografia:**

**TRINDADE**, Miguel Jacques. Alegrete: Do século XVII ao Século XX; V.I.POA; Ed. Movimento; 1985.

**ANTUNES**, Maria Ignácia de Souza. Raízes Sócio-econômicas de Alegrete.

POA:EVANGRAF, 1995.

**GOLIN**, Tau. A Fronteira. POA: L&PM.2002.

**FILHO**, Luiz Araújo. Omunicípio de Alegrete. POA: CORAG,2º Edição, 1985.

**SANTOS**, Danilo Assumpção. Origens: Saiba Como Tudo Começou. O Alegrete – História & Atualidades/ 25.10.2002, p.03.